

# O Método Jacarta

A cruzada anticomunista de Washington & O programa de assassinatos em massa que moldou nosso mundo

# Vincent Bevins

Nova York

*Para Bu Cisca e Pak Hong Lan Oei*

# Conteúdo

## Introdução

- 1 Uma nova era americana
- 2 Indonésia independente
- 3 Pés para o fogo, Pope no céu
- 4 Uma Aliança para o Progresso
- 5 Para o Brasil e atrás
- 6 O Movimento 30 de Setembro
- 7 Extermínio
- 8 Ao redor do mundo
- 9 Jacarta está chegando
- 10 De volta para o Norte
- 11 Nós somos os campeões
- 12 Onde estão eles agora? E onde estamos nós?

*Apêndice 1. Tabela de dados: O mundo em 1960*

*Apêndice 2. Tabela de dados: O mundo hoje*

*Apêndice 3. Desigualdade global: Quadro Um*

*Apêndice 4. Desigualdade global: Quadro Dois*

*Apêndice 5. Mapa: Programas de Extermínio Anticomunista, 1945–2000*

*Agradecimentos*

*Index*

# 9

## Jakarta está chegando

### Mudança de paradigma

Os governos estabelecidos no Brasil em 1964 e na Indonésia em 1965 não eram servos de Washington perfeitamente obedientes. De certa forma, eles permaneceram nacionalistas e, às vezes, se voltaram contra os Estados Unidos. Nem eram “neoliberais” no sentido no qual a palavra é usada hoje. O Estado permaneceu de forma significativa envolvido na economia e tentava orientar o “desenvolvimento” nacional. Eles eram simplesmente regimes autoritários capitalistas – bem, um certo tipo de capitalismo –, bem integrados ao sistema ocidental em expansão.

Todavia, eles certamente tinham muito em comum, e essas duas ditaduras anticomunistas foram as melhores aliadas que as intervenções estrangeiras de Washington já criaram. As coisas funcionaram tão bem que o governo dos Estados Unidos e seus aliados passaram a usá-las como modelo. O Brasil, o maior país da América Latina, começou a trabalhar com os gringos para lutar contra o comunismo e criar regimes que o imitavam em sua vizinhança. A Indonésia, o maior país do Sudeste Asiático, utilizaria o anticomunismo como desculpa para expandir sua influência para o Oriente com o aval de Washington, e o líder do segundo maior país do Sudeste Asiático logo usou um roteiro semelhante ao de Suharto para consolidar sua própria ditadura de direita.

Ambas as ditaduras militares, brasileira e indonésia, discutiriam com Washington a respeito desta ou daquela questão econômica ou decisão de política externa, mas as grandes questões já estavam estabelecidas. Eles estavam no campo ocidental e se opunham ferozmente à

expansão comunista. Eles eram permeáveis ao investimento internacional e ficavam felizes em exportar matérias-primas para os países ricos sob os termos existentes que governam a economia internacional. Certamente, não estavam tentando reescrever as regras da economia global ou usar o poder de um Terceiro Mundo unido para garantir a influência para a maioria dos povos do mundo, para aqueles que foram estruturalmente prejudicados por séculos de colonialismo. Eles consultavam conselheiros ocidentais e economistas treinados nos Estados Unidos. Na Indonésia, essa era a “Máfia de Berkeley”, um grupo de economistas formados na Universidade da Califórnia que trabalharam com Suharto.<sup>1</sup> No Brasil, o golpe foi promovido pela conspiração e publicização do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), financiado pelos Estados Unidos, que permaneceu ativo durante a ditadura até 1972.

Ambos os regimes eram fortemente influenciados pela Teoria da Modernização. E ambos os países começaram a experimentar um crescimento econômico, que era praticamente todo absorvido por uma pequena elite, mas o crescimento do PIB contava para os investidores estrangeiros, fazendo com que pudessem ser vendidos como histórias de sucesso. E, em ambos os casos, os países tinham governos estáveis compostos por governantes locais que podiam forjar sua legitimidade em algum passado brasileiro ou indonésio, em vez de aparecerem para suas populações e para o mundo como uma óbvia imposição de Washington.

No longo prazo, tudo isso era muito melhor do que aquilo que havia sido criado na Guatemala ou no Irã nos anos 1950. A Guatemala tinha afundado em uma guerra civil brutal. O governo iraniano se alienou seus vizinhos e grande parte da população, e isso explodiria de forma muito dramática na cara de Washington na década seguinte.

Tanto a Indonésia, quanto o Brasil, eram ditaduras anticomunistas, e isso não tem só consequências no cenário internacional. Internamente, quando o anticomunismo é a ideologia dominante, quase a religião nacional, qualquer reclamação legítima vinda de baixo pode ser facilmente descartada como comunista. Qualquer coisa que seja um inconveniente óbvio para a pequena camarilha de famílias ricas que governa o país pode ser facilmente categorizada como revolução perigosa e colocada de lado. Isso inclui qualquer sopro de socialismo ou social-democracia, alguma reforma agrária e regulamentação que reduziria o poder de monopólio e permitiria um desenvolvimento mais eficiente e a competição de mercado. Inclui sindicatos e demandas normais por direitos trabalhistas.

Ninguém fingia seriamente que o Brasil ou a Indonésia eram democracias. Porém, também não é assim que o capitalismo deveria funcionar – esse arranjo parece estar tão distante do sistema descrito pelos livros de economia quanto a sociedade soviética estava dos esboços do socialismo fornecidos por Karl Marx. No capitalismo, os senhores feudais não deveriam governar grande parte do país como seus próprios feudos pessoais. As ineficiências do mercado – como a corrupção

---

<sup>1</sup> Simpson, *Economists with Guns*, 20.

massiva – deveriam desaparecer como resultado da competição. Supõe-se que haja um intercâmbio entre os diversos elementos da economia. Supõe-se que haja espaço para o surgimento de empresas novas e inovadoras, que desafiem interesses arraigados e diversifiquem a produção nacional. Contudo, no sistema instituído no Brasil e na Indonésia, a lógica da sobrevivência fazia com que as pessoas se prendessem a um aparato corrupto, ganancioso e imoral no topo da sociedade ou corriam o risco de cair no abismo e se tornarem trabalhadores pessimamente remunerados na máquina de extração.

O jovem Barack Obama viu o que essa dinâmica havia feito com seu padrasto. “A culpa é um luxo que apenas os estrangeiros podem pagar”, disse Lolo à mãe de Barack. Lolo compreendeu. “Ela não sabia o que é perder tudo, acordar e sentir a barriga devorando a si mesma ... sem concentração absoluta, é possível escorregar facilmente, cair para trás.”<sup>2</sup>

Há um termo que descreve amplamente esse tipo de arranjo econômico. Os povos da Indonésia e do Brasil viviam sob o “capitalismo de compadrio”.

Essa era uma realidade bem diferente daquela dos aliados capitalistas europeus de Washington. Francisca e sua família chegaram à Holanda em 1968 e viram imediatamente como as sociedades dinâmicas e bem-sucedidas da Europa Ocidental diferiam do regime de Suharto.

O Partido Comunista conquistou alguns assentos nas eleições holandesas mais recentes e fez parte do Parlamento. Na França e na Itália, os partidos comunistas alinhados com Moscou ainda eram atores importantes. O PCF – *Parti Communiste Français* – obteve mais de 20% dos votos em 1967 e formou uma oposição parlamentar com os socialistas e radicais.<sup>3</sup> Os comunistas italianos haviam ficado em segundo lugar nas eleições anteriores e mantinham sólidos nacos do país como suas bases mais leais. Na Alemanha Ocidental, não havia partido comunista influente. Porém, o principal partido de centro-esquerda – os sociais-democratas, que historicamente são segundo colocados – havia sido fundado como um partido marxista enquanto Marx ainda estava vivo, e seus líderes escolheram um caminho mais moderado do que os leninistas graças ao seu sucesso trabalhando dentro da democracia capitalista.

A última vez que Francisca havia visto a Europa Ocidental, logo após a guerra, já era muito diferente. Nos anos 1940, o acesso à carne e manteiga estava estritamente limitado, e todos lutavam para reconstruir suas vidas. Nos anos 1960, a situação era mais justa, rica e tranquila. As economias da região haviam sido reconstruídas em termos mais americanos graças ao Plano Marshall. Essas nações, todavia, não eram fanaticamente anticomunistas quando se tratava de seus próprios assuntos. Certamente não tanto quanto os Estados Unidos, e nem de longe tanto quanto a Indonésia ou o Brasil. Ainda que a suposta Ameaça Vermelha estivesse só a poucos

---

<sup>2</sup> Obama, *Dreams from My Father*, 45-46.

<sup>3</sup> Essas são as eleições parlamentares de 1967. Na época, os “socialistas” eram chamados de Federação da Esquerda Democrática e Socialista (*Fédération de la gauche démocrate et socialiste* ou FGDS).

quilômetros a leste, pronta para engoli-los, os europeus ocidentais tinham muito menos medo dela do que os Estados Unidos, situados a meio mundo de distância.

Estava bastante claro para Francisca por que os europeus podiam experimentar a social-democracia e até mesmo uma política comunista, enquanto esta mesma política havia sido extirpada de seu país havia sido para sempre.

“Racismo, muito simplesmente. Aos europeus brancos, são oferecidos tolerância e tratamento solidário, enquanto para nós não.”

Quando Frank Wisner e Howard Jones trabalharam para reprojeter o sistema financeiro da Alemanha Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial, o governo americano liquidou todas as dívidas públicas e privadas ao criar o novo marco alemão. Estremecemos só de pensar como um importante líder do Terceiro Mundo visto como antiamericano ou “comunista” teria sido tratado caso seu país tentasse fazer o mesmo após uma guerra de independência.

Nas democracias capitalistas da Europa Ocidental, os partidos de esquerda moderados e radicais pareciam agir como críticos constantes da ordem econômica por dentro do sistema sem nunca o tomar inteiramente. É claro que a CIA ainda seguia ativa na Europa, levando a cabo seus planos de formas que ainda não conhecemos. As redes “*stay-behind*” da Operação Gladio, surgidas desde os primeiros dias de trabalho de Wisner, continuaram atuantes até os anos 1980. Porém, para seus cidadãos, quando os governos europeus viravam demasiadamente à direita demais, os eleitores migravam para os partidos de esquerda e vice-versa, e isso era permitido.

Por que Washington durante a Guerra Fria permitia que a Europa Ocidental “ficasse de fora” com todo esse socialismo leve quando orientações políticas semelhantes levaram a uma intervenção violenta no Terceiro Mundo? Seria somente porque, como disse Francisca, os americanos simplesmente confiavam em seus primos europeus – que eram brancos e, portanto, responsáveis – para manejar a tarefa de administrar a democracia? Uma explicação complementar pode ser que esses países, alguns ainda dirigindo os resquícios de seus impérios coloniais, eram incrivelmente ricos e poderosos. Assim, eles eram bem mais difíceis de pressionar, mesmo que Washington quisesse, e – talvez o mais importante – eles estavam no topo da economia mundial. Estavam sendo totalmente integrados ao sistema liderado pelos Estados Unidos e, portanto, existia bem menos risco de que tentassem remodelar radicalmente a ordem global, já que ela já os tinha servido muito bem.

Por outro lado, não havia oposição legalizada no Brasil ou na Indonésia, o que significava que as elites podiam se safar de tudo. Venalidade e violência dominavam o dia em Jacarta e Brasília. Com uma população temerosa demais para falar, a corrupção explodiu. Nos primeiros dias do regime de Suharto, os executivos do petróleo dos Estados Unidos se vangloriavam de que estavam aproveitando exatamente essa dinâmica enquanto jantavam em frente à mãe de Barack Obama. Seu governo, junto com o regime de Mobutu também apoiado pelos Estados Unidos no

Congo, iria estabelecer recordes históricos mundiais de corrupção.<sup>4</sup> Claro, o regime estabelecido por Suharto foi fundado na violência em massa. E no fim dos anos 1960, a Indonésia operava um sistema de campos de concentração, apoiados pelos Estados Unidos, comparável aos piores anos da União Soviética.<sup>5</sup>

Porém, o Brasil caiu em direção ao terror de Estado mais lentamente. Quando o general Castelo Branco assumiu, em 1964, ele contava com o respaldo de grande parte da velha ordem política, mas, aos poucos, foi ficando claro que sua real base de apoio se encontrava na caserna e nas salas de reuniões. Para sobreviver, ele não podia dar as costas às forças reacionárias do Exército ou da classe empresarial – ambas fazendo demandas que exigiam uma ditadura mais dura e mais duradoura para serem cumpridas. Só que ele podia se dar ao luxo de alienar as forças mais moderadas que apoiaram o golpe de 1964 acreditando que haveria novas eleições em breve. Os generais e os capitalistas, que desejavam um anticomunismo radical e lucros constantes, eram a única coisa que sustentava o governo agora que a democracia tinha acabado, e a política estava reduzida a seus elementos mais basilares. Os bons liberais e democratas podiam ser ignorados.

E assim eles foram. Nos anos seguintes, uma série de Atos Institucionais consolidou o poder nas mãos dos generais e trouxe de volta as eleições indiretas, o que significa que o Congresso simplesmente escolheria o presidente. Mais uma vez, o Partido Comunista alinhado à União Soviética adotou uma linha bem moderada em comparação às outras forças da esquerda. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) convocou uma coalizão unificada de todas as forças do país que agora se opunham à ditadura, incluindo aquelas que, de início, apoiaram o golpe de 1964, para pressionar por “liberdades democráticas”. Demandar qualquer outra coisa, inclusive pedir no curto prazo qualquer tipo de socialismo, seria irresponsável e temerário, “aventureirismo e pressa pequeno-burguesa”, de acordo com os comunistas brasileiros.<sup>6</sup>

Foram grupos de soldados e estudantes recorrendo a Che Guevara e a Havana, no lugar de Brezhnev e Moscou, que tomaram as ações mais radicais entre 1965 e 1968 e assustaram o regime.<sup>7</sup> O PCB permaneceu não violento. Já os extremistas de direita, não, realizando uma série de bombardeios, atribuídos à esquerda, com o objetivo de prolongar e radicalizar a ditadura militar.<sup>8</sup>

Os generais proclamaram o AI-5, o Ato Institucional Número Cinco, em dezembro de 1968, concedendo aos líderes militares ainda mais poder, impondo a censura e suspendendo direitos constitucionalmente garantidos em nome da “segurança nacional”. Dessa forma começaram os anos de chumbo brasileiros, que significava tortura e assassinato. Os piores anos da ditadura do

---

<sup>4</sup> Charlotte Denny, “Suharto, Marcos and Mobutu Head Corruption Table with \$50bn Scams”, *Guardian*, 26 de março de 2004.

<sup>5</sup> Robinson, *Killing Season*, 209.

<sup>6</sup> Napolitano, *1964*, 70-85.

<sup>7</sup> Napolitano, *1964*, 86-90.

<sup>8</sup> *El País*, “Atentados de direita fomentaram AI-5”, 2 de outubro de 2018.

Brasil foram, em grande medida, comandados por Emílio Garrastazu Médici, um general gaúcho linha-dura que assumiu a presidência em 1969.<sup>9</sup>

Nos primeiros anos da ditadura militar, estudantes, artistas e intelectuais ainda podiam protestar contra o regime, e a repressão violenta estava reservada aos dirigentes sindicais e à esquerda organizada. Nos anos de chumbo, de 1969 a 1974, tudo mudou. Qualquer um era suspeito de ser “subversivo” e poderia levado para um porão em São Paulo ou no Rio de Janeiro para rodadas de tortura que podiam terminar em morte. Além do contato constante com o governo americano, os soldados aprenderam técnicas que os franceses desenvolveram na Argélia, como o uso de choques elétricos.<sup>10</sup>

As forças de Médici concentraram seus esforços em supostos integrantes de pequenos movimentos guerrilheiros urbanos do Brasil, muitas vezes jovens marxistas oriundos da classe média educada que ambicionavam derrubar a ditadura. Em 1970, eles prenderam uma jovem de ascendência búlgara chamada Dilma Rousseff. Ela contou mais tarde que a torturaram por semanas, pendurando-a de cabeça para baixo em uma vara em uma técnica conhecida como pau de arara lhe dando socos, arrancando seus dentes e aplicando choques elétricos.<sup>11</sup>

Os militares reprimiram também uma pequena rebelião rural, na bacia do rio Araguaia, organizada pelo maoísta PCdoB, o novo partido comunista que havia se separado do PCB em 1962 e se inspirado tanto em Che Guevara quanto nos comunistas da Guerra Civil Chinesa.<sup>12</sup>

Os militares brasileiros suprimiram sua oposição interna com relativa facilidade e nunca se voltaram para a violência em massa na mesma escala empregada na Indonésia ou em outros países latino-americanos. O terror, no entanto, era bastante real. Hoje um escritor famoso, Paulo Coelho lembra com clareza o que acontecia com quem caía do lado errado da lei. Aconteceu com ele. Um grupo de homens armados invadiu seu apartamento, como se recorda:

Eles começam a vasculhar gavetas e armários – mas não sei o que procuram, sou só um compositor de rock. Um deles, mais gentil, pede que eu os acompanhe “só para esclarecer algumas coisas”. O vizinho vê tudo isso e alerta minha família, que entra imediatamente em pânico. Todos sabiam o que o Brasil vivia na época, mesmo que não fosse noticiado nos jornais. ...

---

<sup>9</sup> Foi o presidente Artur da Costa e Silva quem botou em prática o AI-5, e Médici o usou para lançar o terror ao assumir o poder. Veja Napolitano, *1964*, 71-72, 91-95.

<sup>10</sup> João Roberto Martins Filho, “Military Ties between France and Brazil during the Cold War, 1959-1975”, *Latin American Perspectives* 198, Vol. 41, no. 5 (setembro de 2014): 167-183.

<sup>11</sup> Sandra Kiefer, “Dilma Rousseff Revela Detalhes do Sofrimento Vivido Nos Porões da Ditadura”, *Correio Braziliense*, 17 de junho de 2012.

<sup>12</sup> Sandra Kiefer, “Dilma Rousseff Revela Detalhes do Sofrimento Vivido Nos Porões da Ditadura”, *Correio Braziliense*, 17 de junho de 2012.

No caminho, o táxi é bloqueado por dois carros – um homem com uma arma na mão sai de um dos carros e me puxa para fora. Eu caio no chão e sinto o cano da arma na minha nuca. Olho para um hotel na minha frente e penso: “Não posso morrer tão cedo”. Caio em uma espécie de estado catatônico: não sinto medo, não sinto nada. Eu conheço as histórias de outros amigos que haviam desaparecido; vou desaparecer, e a última coisa que verei é um hotel. O homem me pega, me põe no chão do carro e me manda botar um capuz.

O carro anda cerca de meia hora. Eles devem estar escolhendo um lugar para me executar – mas ainda não sinto nada, aceitei meu destino. O carro para. Sou arrastado e espancado enquanto sou empurrado pelo que parece ser um corredor. Eu grito, mas sei que ninguém está ouvindo, já que eles também estão gritando. Terrorista, dizem eles. Você merece morrer. Você está lutando contra seu país. Você vai morrer lentamente, mas vai sofrer muito primeiro. Paradoxalmente, meu instinto de sobrevivência passa a entrar em ação pouco a pouco.

Sou levado à sala de tortura com piso elevado. Tropeço porque não consigo ver nada: peço que não me empurrem, mas levo um soco nas costas e caio. Eles me dizem para tirar a roupa. O interrogatório começa com perguntas que não sei responder. Eles me pedem para trair pessoas de quem nunca ouvi falar. Dizem que eu não quero cooperar, jogam água no chão e colocam algo nos meus pés – olho então por debaixo do capuz que é uma máquina com eletrodos que são presos aos meus órgãos genitais. Agora entendo que, além dos golpes que não vejo chegando (e, portanto, não consigo nem contrair meu corpo para amortecer o impacto), estou prestes a receber choques elétricos. Digo a eles que não precisam fazer isso – vou confessar tudo o que eles quiserem, vou assinar tudo o que eles quiserem. Mas eles não ficam satisfeitos. Então, em desespero, começo a arranhar minha pele, arrancando pedaços de mim mesmo. Os torturadores devem ter ficado assustados quando me viram coberto com meu próprio sangue; eles me deixam em paz. Dizem que posso tirar o capuz quando ouço a porta bater. Eu o tiro e vejo que estou em uma sala à prova de som, com buracos de bala nas paredes. Isso explica o piso elevado.<sup>13</sup>

Os modernos defensores da ditadura brasileira protestam que os generais mataram “somente” centenas de pessoas. Contudo, não foi pela repressão interna que o Brasil teve o maior impacto nos programas de assassinatos em massa que moldaram o mundo em que estamos hoje. No começo dos anos 1970, sob Médici, o Brasil passou a intervir na América do Sul, criando, em sua própria vizinhança, regimes brutais que também serviam aos interesses de Washington.

---

<sup>13</sup> Paulo Coelho, “I Was Tortured by Brazil’s Dictatorship. Is That What Bolsonaro Wants to Celebrate?”, *Washington Post*, 29 de março de 2019.

Como nota Tanya Harmer, a historiadora que acompanhou mais de perto esse período breve e influente, mas diversas vezes esquecido:

O número de cadáveres da ditadura brasileira é relativamente baixo se comparado ao do Chile ou Argentina, mas foi no exterior que teve seu impacto mais devastador na intensificação da Guerra Fria, seja por seu exemplo e sua interferência na política interna de outros países, seja por seu apoio a golpes contrarrevolucionários. A experiência do Brasil durante e depois de 1964 foi uma virada de jogo que moldou o jeito como as batalhas ideológicas dos anos 1970 foram conceituadas e travadas depois disso.

O Brasil ajudou a estabelecer regimes anticomunistas violentos na Bolívia e no Uruguai. Em 1976, grande parte da América do Sul era uma “zona mortífera” de regimes apoiados pelos Estados Unidos abaixo de suas fronteiras, empregando o Brasil como seu “protótipo”.<sup>14</sup> Porém, a mais notável intervenção estrangeira direitista de Brasília aconteceu na costa ocidental de América do Sul, no pacífico Chile.

## **Allende chega, por pouco**

Em 1970, Salvador Allende concorreu de novo a um cargo no Chile, e a CIA mais uma vez financiou uma campanha de terror. Henry Kissinger, conselheiro de segurança nacional do presidente Richard Nixon, aprovou o uso de centenas de milhares de dólares para uma missão de guerra política. “Não vejo porque temos de ficar parados, enquanto um país se torna comunista pela irresponsabilidade de seu povo”, disse Kissinger.<sup>15</sup> A agência distribuiu propaganda para repórteres importantes e conseguiu uma matéria de capa na *Time* que foi pesadamente influenciada por seus materiais. No Chile, a CIA confiava muito no *El Mercurio*, um jornal de direita que recebeu financiamento da agência, e pagou por cartazes, panfletos e mensagens pintadas nas paredes da cidade.<sup>16</sup>

Os esforços fracassaram. A coalizão *Unidad Popular* de Allende venceu por uma pequena margem. Poucos dias depois, *El Mercurio* publicou um grande especial sobre o Brasil. Uma

---

<sup>14</sup> Tanya Harmer, “Brazil’s Cold War in the Southern Cone, 1970–1975”, *Cold War History* 12, nº. 4 (novembro de 2012): 659-681.

<sup>15</sup> Memorando para o Registro, Washington, 27 de junho de 1970, *FRUS, 1969–1976*, vol. XXI, Chile, 1969-1973, <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76v21/d41>.

<sup>16</sup> Weiner, *Legacy of Ashes*, 308-10.

manchete dizia: “Brasil – Amanhã é Hoje”.<sup>17</sup> Nos meses seguintes, os militares brasileiros passaram a tramar maneiras de ajudar a reverter o socialismo no Chile.

Allende era um socialista e um membro urbano da elite de Santiago. Era um intelectual marxista que gostava de bebericar vinho tinto em jaquetas de *tweed* de seda. Ele admirava Fidel Castro e o considerava um amigo próximo, mas acreditava que o caminho chileno para o socialismo poderia ser bastante diferente. Ele trabalharia dentro do sistema e tiraria proveito de uma trégua da Guerra Fria entre Washington e Moscou, que, na sua visão, teria aberto espaço para *la vía Chilena*, o pacífico “caminho chileno” rumo ao socialismo.

Quando Richard Nixon foi eleito, ele buscou a “*détente*” com a União Soviética e, como resultado, as duas superpotências fingiram ignorar os desentendimentos ideológicos entre si. Porém, como se viu, essa trégua não se aplicava ao Terceiro Mundo.<sup>18</sup>

O caos e a violência no Chile não foram causados pelo presidente Salvador Allende, nem pelos fracassos de seu projeto democrático socialista. O terrorismo de direita, apoiado pelos americanos, começou antes mesmo de ele assumir o cargo.

Segundo a lei chilena, o Congresso precisava ratificar a eleição de Allende, uma vez que ele não obteve a maioria absoluta. No Chile, isso costumava ser uma formalidade. Nixon via de forma diferente; ele ordenou que o chefe da CIA encontrasse uma maneira de impedir que Allende tomasse posse. Richard Helms saiu da reunião com as ordens de Nixon escritas em um bloco de notas:

*1 chance em 10 talvez, mas salve o Chile! ...*

*\$ 10.000.000 disponíveis, mais se necessário...*

*os melhores homens que temos*

*fazer a economia gritar*<sup>19</sup>

Enquanto Allende esperava para assumir o cargo em 1970, a CIA abriu suas atividades em duas “rotas” no Chile. A Rota Um era guerra política, pressão econômica, propaganda e manobras diplomáticas. Agentes da CIA tentaram subornar políticos chilenos e aterrorizar a população. Caso tudo isso falhasse, eles “condenariam o Chile à maior privação e à pobreza”, afirmou o embaixador Edward Korry a Kissinger, na esperança de “forçar Allende a adotar as duras características de um Estado policial”.<sup>20</sup> Eles queriam que Allende abandonasse a democracia. A Rota Dois era um golpe militar. A CIA começou a conspirar com oficiais militares de direita e a financiar um grupo de

---

<sup>17</sup> *El Mercurio*, 7 de setembro de 1970. Citado em Harmer, *Brazil's Cold War in the Southern Cone*, 664.

<sup>18</sup> Harmer, *Allende's Chile*, 3.

<sup>19</sup> Peter Kornbluh, *The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability* (Nova York: New Press, 2003), 36.

<sup>20</sup> Weiner, *Legacy of Ashes*, 310.

radicais que se expandiria como *Patria y Libertad*, uma organização terrorista anticomunista conhecida por seu medonho logotipo geométrico de aranha e por simpatizar com o fascismo.<sup>21</sup>

Como as primeiras incursões de Frank Wisner na Europa Oriental ou o bombardeio da Indonésia em 1958, a operação da CIA no Chile em 1970 terminou em desastre total.

René Schneider, comandante-chefe das Forças Armadas do Chile, era um constitucionalista, o que significa que ele achava que os militares nunca deveriam ultrapassar seu papel constitucional. Allende tinha vencido a eleição e deveria ser presidente. Schneider se opôs fortemente a um golpe militar para impedir que a posse acontecesse. Sua postura quanto a isso foi tão inflexível que ficou conhecida como a “Doutrina Schneider”. Significava também que, para a CIA e seus conspiradores direitistas, ele tinha que ir embora. Em 22 de outubro de 1970, um grupo de homens armados tentou sequestrá-lo e o matou no processo. O plano era culpar todos os apoiadores de esquerda de Allende e, portanto, dar a justificativa para um golpe militar anticomunista.<sup>22</sup>

Para o plácido e democrático Chile, esse foi um momento de trauma nacional inimaginável.<sup>23</sup> Terroristas tinham assassinado o chefe do Forças Armadas em uma tentativa de subverter uma eleição.

As coisas não transcorreram exatamente de acordo com o plano da CIA. Schneider provavelmente não precisava ser morto. Talvez o grupo errado tenha executado o plano errado na hora errada. De início, a agência nem sabia qual de seus parceiros locais havia feito isso.<sup>24</sup> O mais importante é que todos no Chile descobriram quem de fato estava por trás disso. Em vez de culpar a esquerda, eles corretamente responsabilizaram os terroristas de direita, e os militares chilenos se uniram de forma ainda mais entusiástica em torno da posição constitucionalista. Allende seria presidente.

Entretanto, é difícil evitar a pergunta incômoda: e se eles tivessem conseguido? E se eles culpassem de forma convincente alguns esquerdistas radicais, partidários de Allende, por realizarem um sequestro violento, mesmo quando essa ação era inteiramente desnecessária para que eles tomassem o poder? Ainda hoje acreditaríamos que isso era verdade? Haveria um monumento anticomunista a Schneider no centro de Santiago, como aquele de Jacarta?

---

<sup>21</sup> Não está claro se, de fato, se parecia com uma aranha, mas se tornou comum se referir a ele como o logo de “araña”. Ver José Díaz Nieva, *Patria y Libertad: El Nacionalismo Frente a la Unidad Popular* (Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2015), 80-82, acerca da origem do símbolo.

<sup>22</sup> John Dinges, *The Condor Years: How Pinochet and His Allies Brought Terrorism to Three Continents* (Nova York: New Press, 2004) 18–20; Weiner, *Legacy of Ashes*, 310-13.

<sup>23</sup> Entrevistas do autor com chilenos que eram jornalistas de esquerda e com oficiais militares de patente baixa na época, 2018.

<sup>24</sup> Kristian C. Gustafson, “Re-examining the Record: CIA Machinations in Chile 1970”, Biblioteca da CIA, [www.cia.gov/static/d4e6cc0b43a66a60efbca83b1ad0477f/CIA-Machinations-in-Chile.pdf](http://www.cia.gov/static/d4e6cc0b43a66a60efbca83b1ad0477f/CIA-Machinations-in-Chile.pdf); Relatório Hinchey, “CIA Activities in Chile” [Atividades da CIA no Chile], Homeland Security Digital Library, <https://www.hsdl.org/?abstract&did=438476>.

Pelo contrário, esse foi um dos conhecidos fracassos da CIA. Nixon ficou furioso. Allende assumiu a presidência em 3 de novembro de 1970. Para os jovens esquerdistas chilenos, foi um momento de euforia inimaginável. Carmen Hertz estava alinhada com o MIR, o contingente mais jovem e radical de esquerdistas chilenos que oficialmente não acreditava na política eleitoral. Porém, de toda forma, ela havia votado em Allende, tal qual fizeram muitos de seus amigos.

“Foi fantástico. Como todo mundo, inundamos as ruas” quando a vitória de Allende foi anunciada, recorda Carmen. “Quando finalmente voltamos para casa, estávamos plenos de esperança e alegria, até um êxtase espiritual.”<sup>25</sup>

Eles assim o fizeram. E eles assim fariam. Carmen lembra: “Eu estava convencida – bem como todas as pessoas com quem convivia – de que mudaríamos o mundo”.

Allende acreditava no movimento terceiro-mundista, e vários de seus apoiadores acreditavam que a revolução mundial era iminente e seria liderada pelo Sul Global. Não muito depois que Allende assumiu o poder, o Chile aderiu ao Movimento dos Não Alinhados e ficou cada vez mais ativo nas organizações do Terceiro Mundo.<sup>26</sup>

Fidel aconselhou Allende a não entrar em conflito com Washington, assim como fez o economista Orlando Letelier, membro da chamada “esquerda elegante” que trabalhava no Banco Interamericano de Desenvolvimento. Castro disse também a Allende para não “inflamar” a revolução continental ou incitar os ianques sem necessidade por ser “demasiadamente revolucionário”; por esse motivo, não compareceu à posse de Allende.<sup>27</sup> Fidel sabia que era melhor não provocar os gringos.

Assim como na Guatemala, estava claro o que Washington considerava de fato uma ameaça no Chile. Não era uma aliança com a União Soviética – na verdade, Allende foi a Moscou e retornou praticamente de mãos vazias.

Os soviéticos continuaram a ver a América Latina como a esfera de influência de Washington e mantiveram sua velha visão ortodoxa de que a revolução deveria avançar gradualmente no Hemisfério Ocidental.<sup>28</sup> Allende se opunha a movimentos soviéticos agressivos na arena internacional e condenou a invasão de 1956 na Hungria e a intervenção de Moscou na Tchecoslováquia em 1968.<sup>29</sup>

Washington não estava preocupado que a economia chilena fosse destruída por uma gestão irresponsável da esquerda ou mesmo que Allende pudesse atrapalhar os interesses

---

<sup>25</sup> Carmen Hertz, *La Historia Fue Otra* (Santiago: Debate, 2017), 45.

<sup>26</sup> Harmer, *Allende's Chile*, 81-83.

<sup>27</sup> *Ibid.*, 78-79.

<sup>28</sup> *Ibid.*, 24.

<sup>29</sup> Ariel Dorfman, “Salvador Allende Offers a Way Out for Venezuela’s Maduro”, *The Nation*, 11 de fevereiro de 2019.

comerciais americanos. O que assustava a nação mais poderosa do globo era a perspectiva de que o socialismo democrático de Allende fosse bem-sucedido.

Poucos dias após Allende ser eleito, o presidente Nixon convocou seu Conselho de Segurança Nacional. Nixon afirmou:

Nossa principal preocupação no Chile é ... que [Allende] possa se consolidar, e o quadro que se projetará ao mundo será seu sucesso. Se deixarmos os líderes em potencial na América do Sul pensarem que podem agir como o Chile e ter ambas as coisas, teremos problemas. Quero trabalhar nisso e nas relações militares – colocar mais dinheiro. Do lado econômico, queremos dar a ele uma fria Turquia [sic] Seremos muito legais e muito corretos, mas fazendo essas outras coisas que vão servir como uma mensagem real para Allende e para os outros. Não deve ser permitida na América Latina nenhuma impressão de que eles podem escapar fazendo isso.<sup>30</sup>

Após Allende assumir o cargo, a Casa Branca buscou relações mais estreitas com o Brasil como forma de contrabalançar a ameaça percebida a partir do Chile. O Brasil se opôs a Allende, às vezes, de forma ainda mais feroz que os Estados Unidos. O Brasil exortou os Estados Unidos a se envolverem mais nos assuntos sul-americanos, pois eles estavam trabalhando pelos mesmos objetivos.

Em 1971, ano em que os militares brasileiros começaram a “desaparecer” seus próprios dissidentes, a ditadura de Médici ajudou a derrubar o governo na Bolívia e instalar como ditador o general direitista Hugo Banzer. As evidências indicam que Brasília e Washington deram dinheiro e assistência para o golpe de agosto.

Poucos meses depois, o Uruguai realizou uma eleição. Parecia que a coalizão esquerdista *Frente Amplio* poderia ganhar. Então, o Brasil enviou tropas para a fronteira e interferiu secretamente na votação. As autoridades entregaram a vitória ao Partido Colorado, de direita.<sup>31</sup>

No fim de 1971, Médici se encontrou com Nixon em Washington. O líder brasileiro disse ao presidente que sua ditadura estava em contato com militares chilenos e trabalhava para derrubar Allende. Ele disse a Nixon: “Não devemos perder de vista a situação na América Latina, que pode explodir a qualquer momento”. Médici contou que o Brasil poderia ajudar a organizar um “milhão” de exilados cubanos para lutar contra Fidel e cobrou mais ações na América do Sul. Não porque ele pensasse que os russos estivessem tramando alguma coisa. Exatamente o contrário. Médici teria declarado que “não achava que os soviéticos ou os chineses estivessem interessados em dar qualquer ajuda aos movimentos comunistas desses países; eles sentiam que o comunismo chegaria por conta própria em decorrência da miséria e da pobreza nesses países”.

---

<sup>30</sup> Kornbluh, *The Pinochet File*, 119-20.

<sup>31</sup> Harmer, “Brazil’s Cold War”, 660.

Em outras palavras, o problema para ambos não era uma conspiração comunista internacional. O problema era que eles acreditavam que soviéticos e chineses poderiam estar corretos. As pessoas pobres nos países vizinhos do Brasil podem escolher o “comunismo” por conta própria, e isso tinha que ser impedido.

Nixon ficou bastante impressionado com Médici. Disse em particular ao secretário de Estado William Rogers que gostaria que Médici “governasse todo o continente”. Assim, antes que o general deixasse os Estados Unidos, Nixon fez um brinde em um banquete de despedida. Ele proclamou: “Para onde for o Brasil, a América Latina o seguirá”.<sup>32</sup>

No mesmo ano, de volta aos Estados Unidos, o ex-embaixador Howard P. Jones publicou suas memórias sobre a Indonésia, *The Possible Dream*, em que refletia a respeito dos fracassos da política americana na Ásia. O livro não fez muito barulho. Ao mesmo tempo, o mundo vivia outro massacre anticomunista. O Partido Comunista do Sudão, o maior dos partidos comunistas remanescentes da era Bandung (nos anos 1960, era o terceiro, atrás dos partidos da Indonésia e do Iraque, que já haviam sido aniquilados), havia tentado um golpe contra um novo regime, que buscava destruí-lo. Quando o golpe fracassou, o governo de Gaafar Nimeiry liquidou a oposição: a ordem era “destruir qualquer um que afirme que existe um Partido Comunista Sudanês”. Isso também sequer repercutiu no Ocidente.<sup>33</sup>

## Operação Jacarta

Como o governo brasileiro colaborou com as forças de direita no Chile, a palavra “Jacarta” ganhou novo uso. Em ambos os países, a capital da Indonésia passou a ter o mesmo significado.

Operação Jacarta era o nome da parte secreta de um plano de extermínio, segundo a documentação compilada pela Comissão da Verdade do Brasil. Depoimentos recolhidos após a queda da ditadura indicam que a Operação Jacarta pode ter feito parte da Operação Radar, que visava destruir a estrutura do Partido Comunista Brasileiro. O objetivo da Operação Jacarta era a eliminação física dos comunistas. Exigia assassinato em massa, tal qual na Indonésia. Antes da Operação Jacarta, a ditadura havia dirigido sua violência para as rebeliões abertas. A Operação

---

<sup>32</sup> Ibid., 669-70.

<sup>33</sup> Gabriel Warburg, *Islam, Nationalism, and Communism in Traditional Society* (Londres: Frank Cass, 1978), 130-35. O SCP prestou bastante atenção ao que aconteceu na Indonésia em 1965 e, por esta razão, tentou evitar o confronto direto, segundo Alain Gresh, “The Free Officers and the Comrades: The Sudanese Communist Party and Nimeiri Face-to-Face, 1969–1971”, *Journal of Middle East Studies* 21. nº. 3 (agosto de 1989): 13. De acordo com o próprio SCP, 37 membros foram executados por enforcamento. Entrevista do autor com Fathi Alfadl, 2019, por e-mail.

Jakarta foi um plano oculto para expandir o terror de Estado aos membros do Partido Comunista operando abertamente com grupos da sociedade civil ou na mídia.<sup>34</sup>

O público brasileiro não ouviria as palavras Operação Jakarta até três anos depois. No Chile, todavia, a palavra “Jakarta” chegou de forma bem publicizada.

Em torno de Santiago, especialmente na parte oriental da cidade - nas colinas, onde viviam as pessoas abastadas - alguém começou a colar uma mensagem nas paredes. Assumiu algumas formas.

“Yakarta viene.”

“Jakarta se acerca.”

Isto é: “Jakarta está chegando”.

Ou, por vezes, simplesmente, “Jakarta”.

Os eventos na Indonésia fizeram parte do discurso da direita por anos. Mais significativamente, Juraj Domic Kuscenic, um anticomunista croata que escreveu em veículos de direita como *El Mercurio* e manteve contato próximo com *Patria y Libertad* desde 1970, fazia recorrentes referências a ele desde 1960.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> A respeito da Operação Jakarta como parte da Operação Radar, iniciada em 1973, ver Graziane Ortiz Righi, “Angelo Cardoso da Silva: Herzog gaúcho”, Comissão Nacional da Verdade (CNV) Processo no 00092.000932 / 2013-01, Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) do Brasil. A mesma afirmação, assim como a de que a Operação Jakarta tirou a vida de Vladimir Herzog, é feita na “Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva” (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo), CNV-SIAN. Para mais informações sobre o próprio Operação Radar, ver “Depoimento de Marival Chaves Dias”, dividido entre BR RJANRIO CNV.O.DPO.00092000585201317, BR RJANRIO CNV.O.RCE.00092000122201317, v.107/1, e BR RJANRIO CNV.O.RCE.00092000122201317, v.106/2, no CNV-SIAN. Para várias referências à Operação Jakarta, ver “Relatório sobre a morte de João Goulart”, *Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul — Subcomissão para Investigar as Circunstâncias da Morte do ex-Presidente João Goulart*, CNV-SIAN. Sobre a declaração de que o ex-presidente Goulart foi monitorado no Uruguai como parte da Operação Jakarta desde 1973, antes da criação da Operação Condor, ver “Termo de declarações, que presta o senhor Mario Ronald Neyra Barreiro”, 00092.000311/2013-10, CNV-SIAN. Sobre a “Operação Jakarta”, em referência a uma ameaça feita contra um esquerdista chamado Jesse Jane, ver o “Relatório de Pesquisa para a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro”, CEV-RIO. Devo observar aqui de novo que não há qualquer *smoking gun* que prove que os militares brasileiros empregaram oficialmente a expressão “Operação Jakarta” internamente. Para provar ou refutar isso, seria necessário mais acesso a materiais militares. O que temos são relatos difundidos de que o termo foi usado (incluindo vários não citados aqui) e um relato em primeira mão do primeiro uso conhecido do termo em público, mais adiante neste capítulo.

<sup>35</sup> Díaz Nieva, *Patria y Libertad*, 176-79. Sua origem croata me deixou interessado se ele poderia ter ligações com a extrema-direita naquele país, que era ativo no começo do Bloco Antibolchevique de Nações e da Liga Anticomunista Mundial, mas, de toda forma, não consegui achar qualquer prova. Díaz Nieva escreve que Domic era “leitura quase obrigatória” para os chilenos de direita na época. Para um exemplo inicial da produção de Domic sobre a Indonésia, ver Juraj Domic, *Fundamentos de la Praxis Marxista-Leninista en Chile* (Santiago: Vaitea, 1977), 33, em um artigo de 1969 culpando o PKI por sua própria destruição. Segundo Manuel Fuentes Wendling, chefe de propaganda do *Patria y Libertad*, Domic e Wendling falavam já em 1970 em pintar 500 mil slogans nas paredes do Chile – naquele momento, com o objetivo de dar apoio ao candidato presidencial Jorge Alessandri. Isso é recontado em

O primeiro registro de “Jakarta” aparecendo como uma ameaça era em uma edição de janeiro de 1972 do *El Rebelde*, o jornal oficial do MIR. A capa perguntava: “O que é Jacarta?”. E, na parte interna, era mostrada uma foto da palavra marcada na parede. Em um pequeno artigo, “*La Vía Indonesia de Los Fascistas Chilenos*”, o jornal buscou explicar o que tal mensagem significava. O Partido Comunista Indonésio exercia um papel ativo em um Estado “independente e progressista”, e então – da noite para o dia – tudo o que restou de seus membros era um “mar de sangue”.<sup>36</sup> Até esse ponto, nem toda a esquerda conhecia a história da Indonésia, e a ideia de uma onda de violência aqui parecia bem forçada.

O segundo texto tratando da Jacarta foi publicado em fevereiro de 1972 na *Ramona*, uma revista juvenil do Partido Comunista. Ela contava que a direita havia adotado algo chamado “Plano Djakarta” e disse ter obtido o plano de David Rockefeller ou Agustín Edwards (o proprietário do *El Mercurio*). “A extrema-direita chilena quer repetir esse massacre”, explica o artigo. “O que isso significa concretamente? Os terroristas têm um plano que consiste em matar todo o Comitê Central do Partido Comunista, a cúpula do Partido Socialista, os dirigentes nacionais da CUT, a organização sindical *Central Unitaria de Trabajadores de Chile*, líderes de movimentos sociais e todas as figuras importantes na esquerda.” O artigo foi publicado em 22 de fevereiro, assinado por Carlos Berger, membro do Partido Comunista que tinha discutido com Carmen Hertz acerca das táticas de esquerda e do significado do massacre da Indonésia quando ela havia voltado à Universidade do Chile.<sup>37</sup> Carlos e Carmen Hertz estavam agora casados.

Pinturas de paredes eram um instrumento político popular em Santiago no começo dos anos 1970. À esquerda, coletivos de voluntários pintavam murais com elaboradas imagens criadas por jovens artistas inspirados por muralistas internacionais famosos, como o mexicano Diego Rivera, e pela cultura indígena mapuche do Chile. À direita, o dinheiro derramado por Washington ou fornecido pelas elites locais era utilizado na contratação de pintores profissionais, que eram ao mesmo tempo mais eficientes e menos talentosos, pois estavam acostumados a produzir mensagens publicitárias simples. Patricio “Pato” Madera, um dos fundadores da brigada de

---

Manuel Fuentes Wendling, *Memorias secretas de Patria y Libertad y algunas confesiones sobre la Guerra Fría en Chile* (Santiago do Chile: Grupo Grijalbo-Mondadori, 1999), 61–76 e 320–25. Eu me correspondi com o líder do Patria y Libertad, Roberto Thieme, por e-mail em 2018. Quando perguntei sobre “Yakarta”, ele só respondeu que “nenhum chileno, à esquerda ou à direita, se preocupa ou conhece a história de Jacarta”. Durante uma entrevista em 2018 em Santiago, Orlando Saenz Fuentes, que atuava na direita no começo da década 1970, contou que era bem provável que o responsável pelo grafite fosse o Patria y Libertad.

<sup>36</sup> *El Rebelde*, 25-31 de janeiro de 1972, nº. 14. Acesso em Biblioteca Nacional de Chile, Sección Periódicos.

<sup>37</sup> Carlos Berger, “La conspiración derechista está tomando vuelo”, *Revista Ramona*, 22 de fevereiro de 1972. Acessado em Biblioteca Nacional de Chile. Berger afirma que o Plano Jacarta foi entregue à direita chilena por “el gerente yanqui de Purina” ou “o chefe ianque de Purina”. Na época, a Ralston Purina era uma empresa de alimentos para animais de estimação no Chile de propriedade de Rockefeller e Edwards.

muralistas de esquerda Ramona Parra, reconheceu o grafite “Jakarta” como obra da mesma mão de obra contratada que pintava slogans direitistas em campanhas terroristas recorrentes desde 1964. Só que essa significava uma escalada. Era uma ameaça de morte em massa.<sup>38</sup>

Além de pintar paredes, mandavam cartões-postais. Eles chegavam às casas de funcionários do governo de esquerda e de membros do Partido Comunista.

Em algum momento de 1972, Carmen Hertz e seu marido compraram um. O papel era fino e frágil. No topo, dizia “Jacarta está chegando”. Na parte inferior, via-se a aranha geométrica, o logotipo *Patria y Libertad*.

A campanha de terror funcionou. Carmen e Carlos levavam uma vida de ansiedade 24 horas por dia. Eles estavam em permanente “alerta máximo”. Ao seu redor, havia sabotagem, ameaças e agressão. Com só 20 anos, Carmen foi contratada para trabalhar como advogada no programa de reforma agrária do governo Allende e viu quão violenta poderia ser a oposição. Além de atividades partidárias e jornalismo, Carlos ajudava nas relações públicas do Ministério da Fazenda. Os dois suspeitavam que Washington estava destruindo intencionalmente a economia. E, atentos às ameaças domésticas, os dois passaram a dormir no trabalho. Só ficavam de vez em quando em casa, e nunca por muitos dias consecutivos. Nas ruas, eles costumavam trocar palavras com membros da *Tradicón, Familia y Propiedad* (TFP), a seção chilena do grupo anticomunista fundado no Brasil em 1960. Em Santiago, os jovens da TFP vestiam túnicas de estilo medieval e costumavam protestar nas ruas, prontos para gritar com Carmen. Porém, quando ela recebeu o cartão-postal – “Yakarta se acerca” –, ela se sentiu ainda mais em perigo iminente.

Depois de ler, Carmen ouviu uma batida forte na porta. E depois gritando: “Comunista!”. Ela gritou de volta. Pegou nos braços seu bebê recém-nascido, Germán, apanhou uma pistola escondida na casa e correu para a rua, apontando-a para a frente e para trás freneticamente. Ela atirou para o céu. Ela só percebeu depois, quando seu coração parou de bater tão forte, que ainda estava segurando Germán enquanto atirava. Ela não conseguiu dormir em casa nessa noite, e então tentou pegar um ônibus para chegar à casa da infância de Carlos. Nenhum vinha. Então, ela caminhou pelas ruas geladas de Santiago, com o bebê agarrado firmemente contra seu corpo.

As fissuras na sociedade chilena dividiram ao meio a própria família de Carmen. Ela sabia que sua mãe, a quem ela amava, talvez tenha sido mais compreensiva com aqueles direitistas do que com sua própria filha. Sempre foi o paciente Carlos que tentava consertar o relacionamento deles, que insistia sempre em visitar a avó de Germán, e tentava rir e acalmá-los enquanto brigavam inevitavelmente.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Entrevista do autor com Patricio “Pato” Madera, Santiago 2018; “Patricio Madera: un muralista patrimonial de la histórica Brigada Ramona Parra”, *Radio Universidad de Chile*, em <https://radio.uchile.cl/2018/07/17/patricio-madera-un-muralista-patrimonial-de-la-historica-brigada-ramona-parra/>.

<sup>39</sup> Hertz, *La Historia Fue Otra*, 65-73.

Contudo, Carmen e Carlos achavam que a história estava do lado deles. Eles estavam em batalha, sim – mas jogavam dentro das regras, tinham o povo atrás deles e, por isso, pensavam que iriam vencer. Também acreditavam que o país vinha sofrendo sabotagem estrangeira e, a esse respeito, estavam certos. A CIA, trabalhando com seus parceiros de extrema-direita, estava tentando arruinar a economia e fazendo o possível para que isso parecesse culpa de Allende.

O problema mais óbvio para o governo de Allende foi provavelmente uma greve nacional em outubro de 1972. Os caminhoneiros – que recebiam indiretamente dinheiro de Washington – pararam o transporte, o que significa que as pessoas comuns ficaram sem suprimentos básicos. Assim que a greve teve início, a CIA fez o possível para mantê-la em andamento.<sup>40</sup>

Entretanto, não era apenas sabotagem econômica. “A Rota Dois nunca acabou de fato”, afirmou um funcionário da CIA, o que significa que, desde 1970, a agência nunca parou de procurar formas de organizar um golpe. As anotações do funcionário da época registram Kissinger perguntando: “Já que Allende está se apresentando como um moderado, por que não apoiar os extremistas?”<sup>41</sup>

O problema de desestabilizar um país é que você não precisa de precisão cirúrgica. Um martelo bem grande funciona. Logo, o Chile estava um caos e, como resultado, Allende foi obrigado a não ir à sua tão aguardada viagem à Conferência do Movimento dos Não Alinhados na Argélia.<sup>42</sup>

Porém, havia ainda dois problemas principais. Primeiro, Allende estaria no poder por, pelo menos, mais três anos, e a esquerda ainda contava com muito apoio popular. Mesmo assim, a mesma circunstância não impediu o golpe no Brasil. O segundo problema – o verdadeiro obstáculo – era que Carlos Prats, o homem que assumiu o comando das Forças Armadas depois de René Schneider, também era constitucionalista. Ele viu que existia uma crise econômica e que os conservadores clamavam por um golpe militar. Só que ele era leal à Doutrina Schneider e à democracia, recusando-se a sair de seu papel legal. Allende continuou no poder.

No fim de 1972, o mundo ganhou mais uma ditadura anticomunista. Desde 1970, os estudantes protestavam contra o governo de Ferdinand Marcos nas Filipinas, por conta da sua flagrante corrupção e da colaboração de seu governo na guerra dos Estados Unidos no Vietnã. As Filipinas foram o local do maior experimento de Washington com o domínio colonial direto, e sua independência foi organizada cuidadosamente para manter Manila no campo ocidental, desde que a CIA derrotou em 1954 os nacionalistas de esquerda *Huks* usando terror e guerra psicológica. Bases americanas nas Filipinas foram usadas em 1958 durante a tentativa da CIA de desmembrar a Indonésia. O direitista Marcos, reeleito sob circunstâncias um tanto suspeitas em 1968, e sua

---

<sup>40</sup> Harmer, *Allende's Chile*, 182-83.

<sup>41</sup> Weiner, *Legacy of Ashes*, 315.

<sup>42</sup> Harmer, *Allende's Chile*, 237.

esposa, Imelda, eram amigos próximos do governador da Califórnia Ronald Reagan, que compareceu à posse de gala do luxuoso e multimilionário Centro Cultural de Imelda.<sup>43</sup>

Alguns dos estudantes anti-Marcos eram seguidores do comunista José Maria “Joma” Sison, um professor de literatura maoísta inspirado por Lumumba, Castro e os intelectuais da Nova Esquerda Ocidental. Sison estudou na Indonésia antes da queda de Sukarno e chegou à conclusão em 1965-1966, da mesma forma Pol Pot, que o desarmamento do PKI o havia deixado vulnerável demais. Em 1968, ele fundou o maoísta Partido Maoísta das Filipinas (PCF), que dependia mais de grupos guerrilheiros no campo que das táticas abertas de partido de massa empregadas pelo PKI. (Sison me contou que o que ele viu na Indonésia em 1965 o convenceu de que o PCF precisava estar armado e clandestino, e o partido segue ativo até hoje.)<sup>44</sup>

Porém, muitos desses manifestantes anti-Marcos eram simplesmente partidários do centrista Partido Liberal. O próprio Marcos estava atrás dos outros. “Os distúrbios devem ser agora induzidos a uma crise para que medidas mais rígidas sejam tomadas”, escreveu ele. “Um pouco mais de destruição e vandalismo, e poderei fazer alguma coisa.”<sup>45</sup>

Marcos e seu secretário de Defesa, Juan Ponce Enrile, fizeram repetidos alertas acerca de uma ameaça comunista. Então, em 22 de setembro de 1972, Enrile fingiu um atentado contra a própria vida. Ele pegou um carro diferente quando atiradores crivaram de balas o carro em que ele deveria estar. Ele e Marcos, que ajudou a planejar essa fraude, disseram que Deus o salvou. É claro que eles culpavam os comunistas. No mesmo dia, também alegaram que tudo aquilo não lhes deixava escolha a não ser decretar a lei marcial. Unidades militares se espalharam para prender líderes opositores, o primeiro dos quais foi o senador do Partido Liberal, Benigno Aquino Jr. Suharto já tinha um aliado anticomunista em Marcos, mas agora ele – e Washington – contavam com um regime autoritário amigável no segundo país mais populoso do Sudeste Asiático. Marcos,

---

<sup>43</sup> Luis H. Francia, *A History of the Philippines: From Indios Bravos to Filipinos* (Nova York: Overlook Press, 2010), 223.

<sup>44</sup> Entrevista do autor com Joma Sison. Fiz uma reportagem sobre o PCF do *Washington Post* em 2018 e tive o contato de seu “Bureau de Informações”. O bureau me aconselhou a enviar um e-mail a Sison com minhas perguntas, e esta é sua resposta completa relativa a 1965 e sua consequência sobre este pensamento:

Eu observei e aprendi as lições sobre como cerca de 3 milhões de membros do PKI e a maioria dos ativistas de massa ativos foram facilmente massacrados (segundo o comando estratégico encarregado da matança) sem qualquer resistência efetiva porque o PKI não tinha exército popular e se encontrava totalmente exposto aos seus inimigos por sua Nasakom e atividades eleitorais.

Claro, a lição do massacre indonésio em 1965-1966 influenciou meu pensamento nos anos seguintes. Desde então, tenho pensado que, em última análise, é fatal para um partido comunista se expor principal ou completamente antes da tomada do poder político. Assim, o PCF é clandestino desde a sua fundação em 1968 e tem se preservado e crescido em força por mais de 50 anos, apesar de todos os planos estratégicos para destruí-lo e da restauração total do capitalismo na China, o colapso da União Soviética e outros fatores que fizeram o imperialismo americano e o sistema capitalista mundial parecerem eternos, como se a luta histórica entre a burguesia e o proletariado tivesse chegado ao fim para sempre.

<sup>45</sup> Stanley Karnow, *In Our Image: America's Empire in the Philippines* (Nova York: Random House, 1989), 380.

com o ativo apoio americano, criou sua própria versão de capitalismo de compadrio com níveis recordes de corrupção. Ele passou a matar milhares de pessoas, jogando diversas vezes seus corpos em público para aterrorizar seus inimigos.<sup>46</sup>

## ***Marineros Constitucionalistas***

No começo de 1973, Pedro Blaset era um marinheiro de 23 anos de origem trabalhadora em uma Marinha tradicionalmente mais conservadora e de classe alta no Chile. Ele teve a sorte de embarcar em uma viagem em um cruzador para a Suíça por seis meses e perdeu grande parte da sua radicalização ao voltar para casa. Na Europa, ele e seus companheiros ficaram chocados como as marinhas eram organizadas de uma maneira liberal em contraste com as rígidas tradições prussianas chilenas. Quando ele entrou no serviço, foi espancado, como uma forma de trote. E quando ele e alguns amigos celebraram a vitória de Allende em 1970, foram repreendidos. Os oficiais navais profundamente conservadores, em geral de educação privada e conscientemente aristocráticos, não gostaram muito nem mesmo do governo de Eduardo Frei, apoiado pela CIA. Segundo Blaset, o principal problema deles era que suas modestas reformas trouxeram alguns membros da classe média para suas escolas de elite, e seus filhos foram forçados a estudar com seus inferiores.

Contudo, quando Pedro regressou a Santiago em fevereiro de 1973, as coisas eram diferentes. A Marinha era provavelmente o segmento mais anticomunista das Forças Armadas, e seus colegas não escondiam seus sentimentos. Os altos oficiais falaram sobre suas colaborações com a embaixada brasileira. Confessavam sobre o envio de armas ao *Patria y Libertad*. Criticaram duramente o comandante do Exército, Prats, por sua postura constitucionalista, sobretudo após a esquerda se sair bem nas eleições de março. Eles passaram a falar abertamente sobre algo chamado “*El Plan Yakarta*”.

Pedro já tinha ouvido histórias sobre Jacarta antes. Pouco depois de entrar para a Marinha em 1966, os marinheiros começaram a contar histórias horrorosas de uma viagem particularmente estranha pelo Sudeste Asiático. Eles disseram que testemunharam a carnificina causada por um programa de “extermínio” na capital indonésia. Histórias sobre cabeças arrancadas em espigões aterrorizaram os jovens marinheiros, enquanto eles absorviam contos de violência fantástica de uma terra distante.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Alfred McCoy, “Dark Legacy: Human Rights under the Marcos Regime”, artigo entregue na Universidade Ateneu de Manila, 20 de setembro de 1999, em [www.hartford-hwp.com/archives/54a/062.html](http://www.hartford-hwp.com/archives/54a/062.html); Karnow, *In Our Image*, 356-60.

<sup>47</sup> Entrevistas do autor com Pedro Blaset e Guillermo Castillo, Santiago 2018. Como observei antes, Jacarta não foi o local da violência mais intensa e visível. Se algum marinheiro chileno viu cenas de corpos espalhados por toda parte, pode ter sido em outro lugar ou pode estar apenas contando

Entretanto, quando seus superiores começaram a falar sobre *El Plan Yakarta* em 1973, eles estavam sendo bastante específicos e sérios. O plano era matar cerca de dez mil pessoas, a esquerda e seus principais apoiadores, como forma de garantir uma transição estável para um governo direitista. Pedro e seu amigo Guillermo Castillo escutaram isso sendo discutido em mais de um barco.

“Se colocarmos o plano Jacarta na prática, matar dez ou vinte mil, é isso”, afirmou um oficial. “Então, essa é toda a resistência, e nós vencemos.” Talvez seus superiores achassem que seus subordinados estavam a bordo desse tipo de estratégia, ou, pelo menos, respeitavam a hierarquia interna da Marinha o suficiente para ficarem calados.

Porém, isso não era normal para marinheiros de baixa patente. “De quem eles estão falando em matar? Nossas famílias?”, perguntou Pedro a alguns de seus amigos mais próximos. “O que aconteceu ao Chile enquanto estive fora?”

Eles resolveram se encontrar, formar um pequeno grupo constitucionalista clandestino dentro da Marinha e conversar acerca da situação. Perceberam que seu juramento era para o país, não para seus superiores imediatos, e, dessa forma, decidiram repassar um alerta aos políticos.

Eles foram descobertos. Pedro e Guillermo foram presos pela Marinha e repetidamente torturados. Eles não viam a luz do dia até bastante tempo depois que uma versão chilena do *Plan Yakarta* fosse colocada em vigor de fato.

Operação Jacarta. *Yakarta Viene. Plan Yakarta*. Seja em espanhol, seja em português, nas três formas em que foi empregado, está claro o que significava “Jacarta” e está muito longe do que a palavra significava em 1948, quando o governo Truman era guiado pelo “Axioma de Jacarta”. Naquela época, “Jakarta” representava um desenvolvimento independente do Terceiro Mundo que Washington não precisava encarar como uma ameaça. Agora, “Jakarta” significava algo bem diferente. Significava assassinato anticomunista em massa. Significava o extermínio organizado pelo Estado dos civis que se opusessem à construção de regimes autoritários capitalistas leis aos Estados Unidos. Significava desaparecimentos forçados e terrorismo de Estado impenitente. E seria empregado larga e amplamente na América Latina nas duas décadas seguintes.

## Operação Condor

Em 1973, Allende caiu. Ele morreu junto ao sonho chileno de socialismo democrático. Em seu lugar surgiu um regime anticomunista violento, que trabalhou com o Brasil e os Estados Unidos para formar uma rede internacional de extermínio. Seu terror assassino não estava reservado

---

histórias de terror de segunda mão. Houve, por exemplo, relatos de “cabeças jogadas ao longo da estrada” em Aceh. Ver Prashad, *Darker Nations*, 154.

unicamente à esquerda. Também foi lançado contra os ex-aliados que se metessem em seu caminho.

Nos meses anteriores a 11 de setembro de 1973, o Chile tinha bastante em comum com o Brasil em 1964. Grupos do setor privado financiavam grupos de oposição, grupos “pró-tradição” e “pró-família” organizavam protestos, e a mídia de direita espalhava temores de uma suposta conspiração esquerdista. No fim de 1972, a CIA reportou que grupos de oposição chilenos estavam recebendo “assistência econômica e armas como metralhadoras e granadas de mão” da ditadura brasileira.<sup>48</sup>

Contudo, os dias após 11 de setembro de 1973 pareciam mais com a Indonésia em 1965, mesmo que em escala menor – a princípio. Enquanto o governo militar do Brasil se movia de forma apenas vagarosa em direção ao terror, a ditadura do general Augusto Pinochet dava início a uma explosão de violência.

A primeira tentativa de golpe ocorreu em junho. O “Tanquetazo”, como foi chamado, fracassou em grande parte porque Carlos Prats, líder das Forças Armadas, derrubou os militares rebeldes aliados de *Patria y Libertad*. Prats não estaria supervisionando o Exército chileno enquanto este estivesse traindo sua missão histórica.

Nas semanas seguintes, publicações de esquerda começaram a relatar que o *Patria y Libertad* e as outras forças de direita por trás do golpe planejaram ativar o *Plan Yakarta* caso tivessem sido bem-sucedidos. Parece que eles tinham motivos a se preocupar. Um político, Domingo Godoy Matte, do direitista Partido Nacional, chegou a se levantar no Congresso e declarou que eles – os nacionalistas – “*estarán aquí hasta que se produzca el Yakarta*” (“ficarão aqui até que se produza Jacarta”).<sup>49</sup> Isso inspirou uma onda de condenações chocadas no centro e na esquerda e acusações furiosas em uma série de publicações de que a direita estava planejando abertamente um “assassinato em massa”. O jornal do Partido Socialista exibiu um cartão-postal que havia sido enviado ao seu diretor editorial com os dizeres “Jacarta está chegando”. O jornal responsabilizou os Estados Unidos.<sup>50</sup>

Estranhamente, a mídia de direita começou a publicar uma versão invertida do meme de terror de “Jacarta”. *El Mercurio*, o jornal financiado pela CIA, reproduziu a história de que comunistas mataram generais na Indonésia e também poderiam fazer o mesmo no Chile.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> Harmer, “Brazil’s Cold War”, 673.

<sup>49</sup> *Puro Chile*, 12 de julho de 1973; Veja também *El Siglo*, 8 e 9 de julho de 1973, para relatos da declaração de Godoy Matte. Em 1 de agosto de 1973, Orlando Millas, oficial do PCCh, escreveu sobre suas próprias experiências na Indonésia e usou as palavras do político nacionalista para afirmar que a direita chilena desejava reproduzir o massacre de 1965-66 apoiado pela CIA. Ambos os jornais da Biblioteca Nacional de Chile, Sección Periódicos.

<sup>50</sup> *Las Noticias de Última Hora*, 3 de agosto de 1973, na Biblioteca Nacional de Chile, Sección Periódicos.

<sup>51</sup> Ver especialmente *El Mercurio*, 14 de julho de 1973. Ainda que o artigo não seja assinado, a linguagem usada aqui é bem semelhante à usada por Juraj Domic em um texto anterior, “Modelo

Em 1970, Castro alertou Allende contra provocar Washington. Já era tarde demais. À medida que o terror e a conspiração de golpes de direita cresciam ao redor do presidente chileno, Castro o aconselhou a começar a adotar uma linha mais dura. Disse que Allende deu muita liberdade à oposição e estava muito relutante em recorrer à violência para fazer avançar sua revolução. Ele advertiu que um confronto entre “socialismo e fascismo” se avolumava no horizonte e, caso a esquerda do Chile não seguisse seu conselho, eles não sobreviveriam.<sup>52</sup> Contudo, o governo da Unidade Popular de Allende se manteve comprometido com o socialismo democrático.

Em julho, terroristas de direita mataram outro oficial militar, Arturo Araya, ajudante de ordens de Allende, enquanto ele estava na varanda de sua casa.<sup>53</sup>

Em agosto, Carlos Prats se deu conta da grande pressão que havia sobre ele. Elementos poderosos do Exército desejavam um golpe. O mesmo acontecia com boa parte da elite, como mostrado pelos grupos de esposas de militares protestando fora de suas casas.<sup>54</sup>

E parecia que os terroristas de direita selvagens preferiam matar o general Prats do que deixar Allende terminar seu mandato. Todos os três grupos contavam com o apoio do governo mais poderoso da história. Todavia, Prats não iria dar o golpe para eles. Em 23 de agosto, ele renunciou e se preparou para decolar para Buenos Aires.

Ele foi substituído por Augusto Pinochet, um general lacônico e nada interessante que havia sido leal a Prats e, apenas algumas semanas antes, não mostrava qualquer inclinação especial para um golpe. Após o fracasso do *Tanquetazo* de junho, Pinochet afirmou em uma reunião de golpistas que não queria “falar sobre política, pois isso é contra a Constituição”.

Em 9 de setembro, o líder do Partido Socialista, Carlos Altamirano, fez um discurso no Estádio Nacional de Santiago. Ele leu uma carta entregue ao governo pelo grupo de marinheiros constitucionalistas, como Pedro Blaset e Guillermo Castillo, na tentativa de alertá-los sobre tramas de golpe em agosto.

“Para nós, era vital evitar aquele grande massacre que eles planejavam cometer contra o povo entre 8 e 10 de agosto”, ele leu na carta. “Nossos chefes nos explicaram que, por esta ou aquela razão, o governo marxista deveria ser derrubado, e o povo deveria ser afastado de seus líderes marxistas. Para eles, todo líder de esquerda merecia, sem dúvida, o Plano de Jacarta”.<sup>55</sup> Àquela altura, já estaria claro para a maioria dos chilenos de esquerda o que significava o “Plano de

---

Indonesio de Golpe de Estado Comunista”, publicado na *Revista PEC* (janeiro/fevereiro de 1973), que foi depois publicado como um pequeno livro intitulado *Modelo Indonesio de Golpe de Estado Comunista* (Santiago do Chile: Vaitea, 1975). É também notável que, em 7 de setembro, o radialista Sergio Onofre Jarpa comparou a situação com Jacarta em 1965. Republicado em 10 de setembro de 1973, um dia antes do golpe. Biblioteca Nacional de Chile, Sección Periodicos.

<sup>52</sup> Harmer, *Allende's Chile*, 133.

<sup>53</sup> Mary Helen Spooner, *Soldiers in a Narrow Land: The Pinochet Regime in Chile* (Berkeley, CA: University of California Press, 1999), 31-35.

<sup>54</sup> *Ibid.*, 35-36.

<sup>55</sup> Patricia Politzer, *Altamirano* (Santiago, Melquíades, 1990), 132.

Jakarta”. Àquela altura, estava também claro para quase todos que um golpe era iminente. O discurso de Altamirano representava mais uma homenagem à bravura dos marinheiros do que uma notícia reveladora.

Dois dias depois, no dia 11 de setembro, Salvador Allende sabia o que estava por vir. Ele barricou a si mesmo no Palácio Presidencial de La Moneda e fez um derradeiro discurso no rádio para seus apoiadores.

Seguramente, esta será a última oportunidade em que poderei dirigir-me a vocês. A Força Aérea bombardeou as antenas. ...

Pagarei com minha vida a lealdade ao povo. E lhes digo que tenho a certeza de que a semente que plantamos na consciência digna de milhares e milhares de chilenos não poderá ser ceifada para sempre. ...

*Viva Chile! Viva el pueblo! Vivan los trabajadores!* [Viva o Chile! Viva o povo! Vida longa aos trabalhadores!]

Estas são minhas últimas palavras, e tenho certeza de que meu sacrifício não será em vão.

Pegou sua metralhadora (Fidel Castro lhe deu de presente), pendurou-a no ombro e botou um capacete do Exército. Quando a Força Aérea do Chile bombardeou o Palácio Presidencial e metralhou comunidades pobres que pensavam que poderiam querer sair em defesa do presidente, Allende deu um tiro em sua cabeça.<sup>56</sup>

Naquela noite, a nova junta militar deixou extremamente claro qual ideologia havia impulsionado sua violenta ascensão ao poder. Em um discurso transmitido à nação pela televisão, o general Jorge Gustavo Leigh, um de seus quatro membros, disse: “Depois de três anos apoiando o câncer marxista ... nos consideramos obrigados, no sagrado interesse de nosso país, a aceitar a

---

<sup>56</sup> Por muito tempo, a teoria de que Allende não puxou o gatilho foi amplamente divulgada, e muitas pessoas, sobretudo fora do Chile, ainda assumem automaticamente que a situação foi essa. Esses rumores continuaram por uma boa razão, mas podemos deixá-los também de lado por uma boa razão. O suicídio de Allende foi testemunhado por um membro de sua equipe médica, Patricio Guijón, que havia voltado ao quarto onde estavam hospedados para levar uma máscara de gás como lembrança para seu filho. O rifle em si trazia as impressões digitais de Allende. Entretanto, a teoria de que Allende foi assassinado pelos militares foi alimentada pela viúva de Allende, Hortensia Bussi de Allende. Embora Bussi de Allende tenha aceitado originalmente o testemunho de Guijón a partir de sua nova posição no exílio na Cidade do México, três dias depois ela se retratou e insistiu que seu marido certa vez lhe disse que o único jeito de deixar La Moneda seria “morto, mas lutando”. Essa versão revisada da morte de Allende ofereceu mais conforto a seus apoiadores, especialmente fora do Chile, e foi difundida por nomes como Pablo Neruda, o poeta chileno vencedor do Prêmio Nobel que sucumbiu ao câncer apenas 12 dias após o golpe. O testemunho de Guijón agora é amplamente aceito como o verdadeiro curso dos acontecimentos naquele dia. Este episódio é recontado em Mary Helen Spooner, *Soldiers in a Narrow Land: The Pinochet Regime in Chile* (Berkeley e Los Angeles, CA: University of California Press, 1994), 40-44, 50-54.

triste e dolorosa missão que nós assumimos. ... [Nós] estamos prontos para lutar contra o marxismo e dispostos a erradicá-lo até o fim”.<sup>57</sup>

O assassinato e os desaparecimentos começaram de imediato.

Mais uma vez, o anticomunismo fanático era a ideologia fundadora de um novo regime assassino no Sul Global. Internacionalmente, a junta seria uma aliada próxima dos Estados Unidos. Porém, a nível local, eles não queriam emular os Estados Unidos. Queriam emular o Brasil.<sup>58</sup> A junta começou a estabelecer uma ditadura e a justificar sua própria existência.

Em 22 de setembro, *Tribuna*, jornal do Partido Nacional do Chile, publicou uma curiosa entrevista com o general Ernesto Baeza Michelsen. Ele posou para uma foto com um cartão postal idêntico ao que Carmen Hertz e Carlos Berger havia recebido em casa. “Djakarta está chegando”, dizia. Nesse caso, porém, o general afirmou que, na verdade, era a esquerda que estava enviando mensagens com ameaças aos aprumados oficiais conservadores. De acordo com essa história – agora endossada com o peso total de uma ditadura militar apoiada pelos Estados Unidos –, os marxistas planejavam matar todos os 27 oficiais de alto escalão em 22 de setembro, e apenas o golpe de direita pôde deter que sedento golpe de esquerda acontecesse. Poucos dias depois, o general Jorge Gustavo Leigh, um dos primeiros integrantes da junta militar, relatou a mesma história. Disse ao jornal *La Segunda*: “Essa campanha estava destinada a destruir totalmente as Forças Armadas ... Uma Jacarta que permitiria um colapso final. Caso este último bastião caísse, eles imporiam o terror em nosso país”.<sup>59</sup>

Conforme foi publicado em 22 de setembro, era a junta que estava aterrorizando a nação. Notoriamente, eles prenderam milhares de supostos inimigos do regime no Estádio Nacional para interrogatório, tortura e execução. Menos conhecido é que assessores militares brasileiros estavam lá, auxiliando os chilenos a destruir os jovens que ambos consideravam inimigos.<sup>60</sup> Mais de mil foram imediatamente executados, e seus corpos escondidos em valas comuns.<sup>61</sup> Contudo, Carmen Hertz e Carlos Berger não estavam entre eles. Eles estavam no norte do país, onde Carlos trabalhava como funcionário de comunicações na mina de cobre de Chuquicamata, tentando desesperadamente defender a nacionalização da indústria do cobre por Allende.

Carlos foi preso em 12 de setembro, mas foi rapidamente liberado; quando foi preso novamente, em 14 de setembro, ele permaneceu. Carmen, a jovem advogada, tentou providenciar sua libertação antecipada. Ela tinha certeza de que ele sairia; a questão era quando. Como ela sabia que o destino dele estava em jogo, não entrou em contato com o Partido Comunista ou qualquer

---

<sup>57</sup> Ouvi este discurso no Museu de la Memoria y los Derechos Humanos em Santiago, Chile, mas também está disponível online em [www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-45458820](http://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-45458820).

<sup>58</sup> Harmer, “Brazil’s Cold War”, 680.

<sup>59</sup> *La Segunda*, 21 de setembro de 1973.

<sup>60</sup> *Ibid.*, 660.

<sup>61</sup> Dinges, *The Condor Years*, 3.

outro alto escalão em Santiago. Ela ficou perto dele, visitando tanto quanto podia, negociando com as autoridades locais. A sentença dele foi tecnicamente de 61 dias – e Carmen esperava comutar isso até o tempo cumprido.

Em 19 de outubro, ela visitou a prisão por volta das cinco da tarde. Carlos estava perturbado, nervoso; havia algo de errado.

“Eles levaram embora um grupo de prisioneiros. Era algum tipo de comando, um grupo diferente. Não reconheci ninguém do regimento”, afirmou Carlos. “Eles os levaram com violência, com capuzes sobre suas cabeças”.

Mais tarde naquela noite, Carmen recebeu uma ligação anônima. Eles o tinham levado embora, dizia a voz. Ela chamou o guarda. “Sim, eles o levaram, mas não se preocupe. É só um interrogatório, e eles já voltam.” Ele não voltou. Todos eles foram mortos. Jacarta havia chegado.

De outro jeito, as forças de Pinochet acabaram confirmando isso a ela. Na noite seguinte, eles estacionaram um jipe na estrada e esperaram que ela se aproximasse. Eles não saíram do carro. Ao se aproximar, viu que era um padre militar e outra pessoa, alguém de uniforme. Esse homem falou: “Carlos Berger e os outros presos estavam sendo levados para a cidade de Antofagasta. No percurso, eles se rebelaram, tentaram fugir e foram mortos em seguida. *Hasta luego*”. O motor ainda estava ligado; o motorista engatou a marcha e foi andando. Carmen não chorou. Ela gritou. “Assassinos! Assassinos! Filhos da puta, vocês vão ver! Vocês pagarão por isso! Assassinos, miseráveis covardes!”

As autoridades em Washington assistiram os países em desenvolvimento de todo o mundo reagirem com choque e horror à ascensão de Pinochet. Um relatório de inteligência do Departamento de Estado de outubro pontuou que um moderado jornal camaronês chamou a queda de Allende de “um tapa na cara do Terceiro Mundo”.<sup>62</sup>

Juraj Domic, o exilado croata que introduziu a metáfora de “Jacarta” na política chilena, conseguiu um emprego no Ministério das Relações Exteriores de Pinochet.

Antes do golpe, os conspiradores em Washington receavam que os chilenos não contassem com o necessário para a luta contra o socialismo. No entanto, os chilenos logo superaram em zelo seus patronos brasileiros. O comando militar se dispôs a tolerar milhares de mortes, tal qual haviam ouvido Pedro Blaset e os demais marinheiros constitucionalistas. No final, Pinochet e seus homens mataram cerca de três mil pessoas, sobretudo nos primeiros dias de sua ditadura. Eles estavam orgulhosos de sua eficiência. Manuel Contreras, um colaborador próximo da CIA que criou a mortal polícia secreta DINA de Pinochet, sabia que o objetivo do terror de Estado não era somente a destruição gratuita de inimigos, mas tornar impossível a resistência e solidificar as estruturas políticas e econômicas dominantes.

---

<sup>62</sup> Nota de Inteligência, Escritório de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado, “Coup in Chile Reveals African Mistrust of US”, 10 de outubro de 1973, Box 2198, RG 59, NARA.

O terrorismo precisou ser levado a cabo contra a população antes que um homem, Augusto Pinochet, concordasse em assumir o papel que Washington pensava que os militares chilenos deveriam desempenhar. Washington favoreceu o governo de Pinochet desde o princípio. Henry Kissinger tinha uma política bastante simples em relação ao novo ditador da América do Sul: “Defender, defender, defender”.<sup>63</sup>

Entretanto, tal como com a ditadura militar no Brasil, as consequências da violência de Pinochet estavam longe de se limitarem às próprias fronteiras de seu estreito país. Quase imediatamente após assumir o poder, ele tentou influenciar os acontecimentos no exterior, tanto combatendo o “comunismo” em todo o hemisfério, como assassinando civis mundo afora.

O terror internacional teve seu início perto de casa. Em 29 de setembro de 1974, a polícia secreta de Pinochet assassinou seu ex-chefe Carlos Prats e sua esposa em sua casa em Buenos Aires, na Argentina. Prats estava redigindo suas memórias. Após assassiná-lo, Pinochet divulgou um comunicado dizendo que sua morte “justifica as medidas de segurança adotadas pelo governo”.<sup>64</sup>

Poucos meses depois da morte de Prats, os militares brasileiros deixaram escapar a existência de sua própria Operação Jacarta.

Em agosto de 1975, Luciano Martins Costa era estudante de jornalismo em São Paulo. Ele e outros alunos puderam entrevistar um general chamado Ednardo D’Avila Mello, que tinha uma reputação de brutalidade. Os oficiais militares, é claro, haviam investigado antes os jovens jornalistas e trouxeram estudantes de direita para a própria entrevista, com o objetivo de lotar a sala como uma espécie de tática de intimidação. Como essas coisas sempre aconteciam, D’Avila Mello proferiu meias-verdades agradáveis sobre o regime, o que dava à entrevista um ar de transparência. O problema era que o general ficou irritado com uma das perguntas dos estudantes. Ele se enfureceu com aquilo que considerou a atitude insubordinada dela. Ele o perdeu.

“Vocês todos são doutrinados!”, gritou ele. “É por causa dessa doutrinação que vamos botar em prática a Operação Jacarta e neutralizar dois mil comunistas aqui mesmo em São Paulo.” Ele começou a listar os nomes dos alvos.

Luciano rabiscou de um jeito furioso: “*Neutralizar 2mil comunistas em São Paulo...*”

O general havia saído do script. Todavia, era uma ditadura, e ele sabia uma maneira fácil de ter certeza de que isso permaneceria em sigilo.

“Se você publicar uma única linha do que acabei de dizer, serão 2.001!”

Por algum tempo, os alunos ficaram calados.<sup>65</sup>

Três meses depois, o regime de Pinochet se reuniu com representantes do Brasil e seus vizinhos anticomunistas apoiados pelos Estados Unidos. Agora havia vários deles. Representantes

---

<sup>63</sup> Dinges, *The Condor Years*, 158.

<sup>64</sup> Spooner, *Soldiers in a Narrow Land*, 45-47.

<sup>65</sup> Entrevista de Luciano Martins Costa com o autor, São Paulo (2018) e por telefone (2019).

da Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai se reuniram com Manuel Contreras, colaborador da CIA e fundador da polícia secreta do Chile, no grande salão da Academia de Guerra do Chile. Foi uma reunião otimista. Eles tinham decidido que precisavam trabalhar juntos. Não era suficiente matar comunistas e subversivos em seus próprios países. Eles armaram um programa de colaboração para exterminar seus inimigos ao redor do mundo. Estabeleceram um banco de dados central para compartilhar inteligência. Os computadores para esse sistema seriam logo providos pelos Estados Unidos. O primeiro dia terminou com um jantar de gala, com atraentes mulheres chilenas providenciadas pela polícia secreta.<sup>66</sup>

Eles deram o nome a sua nova aliança em homenagem ao pássaro nacional do Chile, o carnicheiro majestoso. Em novembro de 1975, foi lançada a Operação Condor.

## Uma viagem ao cinema

Benny chegou ao Chile em 1975. Ele tinha sido transferido de seu emprego em Bangcoc, após mais de uma década lá, para atuar como economista da ONU. De volta ao Kansas, ele experimentou o gostinho da América do Norte; mas era a primeira vez que morava na América Latina e, é claro, ele estava entusiasmado. Ele chegou com sua esposa e filhos, que fizeram o possível para aprender a língua.

Eles aprenderam muito rapidamente como era a vida sob Pinochet. Uma noite, Benny decidiu dar um passeio pelo centro de Santiago e assistir a um filme. No caminho, alguns *carabineros*, membros da polícia chilena, o pararam na rua. Eles precisavam saber quem ele era e para onde estava indo.

Era suspeito que ele ainda estivesse andando na rua. Havia toque de recolher em Santiago e estava chegando a hora. Porém, foi também sua raça o que alimentou suas suspeitas. Assim como o fato de ser chinês levou os militares apoiados pelos Estados Unidos a assediarem sua comunidade, e a ditadura de Suharto o forçou a mudar oficialmente seu nome para “Benny Widnyono” enquanto trabalhava em Bangcoc, seu rosto inspirava suspeitas também no Chile.

Àquela altura de sua vida, Benny falava espanhol o suficiente para entender o que o policial disse em seguida.

“*Quiere que lo lleve?*” Você quer que eu leve você embora? O subtexto estava claro como o dia para Benny. Você quer que eu leve você para que seja torturado e talvez nunca mais volte? Você percebe que pode desaparecer esta noite?

Benny tentou ser o mais educado possível com o policial. Deu certo – o cara só estava tentando intimidá-lo um pouco, o que funcionou também –, e Benny conseguiu se afastar.

---

<sup>66</sup> Dinges, *The Condor Years*, 110-25.

Contudo, nas primeiras semanas no Chile, ele percebeu que nem mesmo seu luxuoso escritório na ONU era um refúgio do caos dessa ditadura violenta. Ou melhor, o caos chegou lá *porque* era um refúgio. Enquanto Benny e seus colegas trabalhavam, os jovens chilenos corriam para o complexo da ONU, fugindo do regime, e pulavam os muros. Lá dentro, eles não podiam ser presos pela polícia secreta, já que as instalações da ONU, localizadas à margem sul do Rio Mapocho, tinham um pouco de autonomia do regime. Esses jovens eram, em sua maioria, membros do partido de esquerda MIR, que se atentou à advertência do massacre de 1965 na Indonésia e aderiu à doutrina da revolução armada. Benny observou enquanto os jovens continuavam chegando e chegando e montando um minicampamento lá dentro, dormindo em colchões no chão e buscando um jeito de ir embora do país. Provavelmente, eles não sabiam que a Operação Condor poderia caçá-los, em qualquer lugar da terra, mesmo se fugissem.

Pinochet odiava o escritório de Benny. Para ele, toda a ONU era basicamente uma colmeia de comunistas. Pior ainda, Benny havia trabalhado na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), que era um bastião do que Pinochet e seus aliados globais consideravam um pensamento econômico de esquerda inaceitável. O CEPAL foi o epicentro da economia do desenvolvimento e da Teoria da Dependência; por outro lado, o novo ditador do Chile havia promovido um grupo de economistas chilenos bem relacionados que estudaram na Universidade de Chicago, e ele era favorável a um giro radical em direção à economia de livre mercado. Tal grupo, que ficou conhecido como “Chicago Boys”, era bem mais zeloso até mesmo que os velhos conhecidos de Benny da “Máfia de Berkeley” na Indonésia. Sua ascensão não havia sido planejada – a *raison d’être* do governo Pinochet era o anticomunismo e não o fundamentalismo de mercado –, mas, sob esses economistas, o Chile se tornou o primeiro caso de teste mundial para a economia “neoliberal”, e a CEPAL de Benny dava conselhos que não eram mais bem-vindos.<sup>67</sup>

Ainda assim, Benny foi logo convidado para eventos chiques em um *barrio alto*, os bairros orientais próximos às colinas, onde residia a elite. Quando se está no Centro de Santiago e se olha para leste, é quase sempre de tirar o fôlego. Normalmente é possível ver a neve cobrindo os imponentes picos dos Andes, enquanto abaixo se caminha pelo denso ar quente com o cheiro de especiarias tropicais.

Foi quando Benny subiu um pouco a colina para entrar nos bairros chiques que viu pela primeira vez: “*Yakarta viene*”, “*Djakarta se acerca*” ou somente “*Jakarta*”.

Foi uma surpresa. Ele precisou perguntar ao redor para descobrir o que exatamente o grafite significava e de onde todos os slogans vieram. Ele descobriu – e isso foi ainda mais chocante. A capital de seu próprio país havia passado a significar não mais o cosmopolitismo, nem a solidariedade do Terceiro Mundo e a justiça global, mas sim a violência reacionária. “*Jakarta*”

---

<sup>67</sup> Para uma discussão sobre a estranha ascensão dos “Chicago Boys” no Chile, veja Spooner, *Soldiers in a Narrow Land*, 108-10.

significava a brutal eliminação de pessoas que se organizavam por um mundo melhor. E agora ele se encontrava em outro país, apoiado também pelos americanos, cujas forças no governo *celebraram* tal história em vez de condená-la.

A pintura estava por toda parte. Só que lentamente desaparecia.

O golpe, agora com só dois anos, havia sido reescrito em uma nova história pelos vencedores. Esse foi um processo que ele conhecia muito bem. Havia outra semelhança com a Indonésia percebida de imediato por Benny. Allende, tal qual Sukarno, era um conversador. Pinochet, como Suharto, nunca falava muito. Às vezes, a TV chilena transmitia o vídeo de algum discurso recente de Pinochet, mas dublava sua voz para consertar o que ele realmente disse. Até o presente podia ser reescrito.<sup>68</sup>

Benny teve que se acostumar a ver “Jakarta” espalhado por todos os lados, mas isso nunca havia caído bem para ele. E um dia, todas essas emoções vieram à tona. O embaixador da Indonésia na Argentina veio dar uma palestra para estudantes chilenos ao lado de Benny, que, muitas vezes, era a coisa mais próxima que seu país tinha em Santiago de um embaixador. Isso significava trabalhar para o governo de Suharto, mas, tal qual a maioria dos indonésios, Benny tinha se resignado a essa realidade.

Depois da palestra, os alunos pressionaram o embaixador sobre como e por que o governo chileno olhava para Jacarta como um exemplo glorioso de terror anticomunista. Qual era o significado de todos aqueles grafites? O embaixador ficou furioso.

“Esse é simplesmente o nome da nossa capital! Como você ousa insinuar que é um sinônimo de massacre?”. Benny também ficou com raiva.

Todavia, os alunos estavam realmente errados? Ele precisava que enfrentar isso. Ele conhecia toda a cidade de Jacarta em sua bela e suja complexidade. Porém, fora do país – no caso, no Chile – tudo o que chegava era a história de assassinatos em massa. Um assassinato em massa que havia acontecido de verdade, que, de algum modo, Pinochet havia replicado aqui. O grafite não era uma calúnia. Era realidade.

Mais tarde, ele refletiu sobre isso mais profundamente. Ele pensou em sua própria vida, em seu tempo no Kansas no fim dos anos 1950 e início dos 1960. Ele pensou naqueles militares indonésios que vinham comer comida indonésia em sua casa e depois saíam para a cidade. Foi lá que aqueles homens foram treinados pelos Estados Unidos para o anticomunismo violento e fanático. Foram aqueles homens que regressaram a Jacarta, depois de noites em clubes de strip e de bebedeiras com Benny, para ajudar a promover o programa direitista de extermínio mais notório do mundo. É aí que tudo começou.

---

<sup>68</sup> Ibid., 12.

De volta ao Kansas, ele continuou pensando. É por isso que o nome da cidade em que cresci, onde estudei, onde aprendi sobre o socialismo e marchei contra o colonialismo e o racismo se tornou sinônimo de assassinatos em massa.